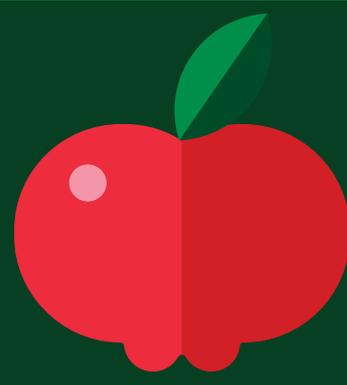
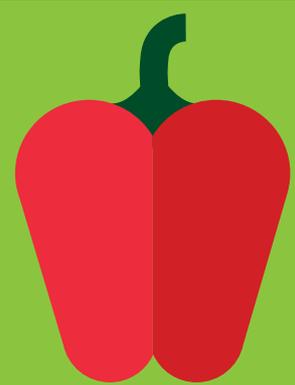
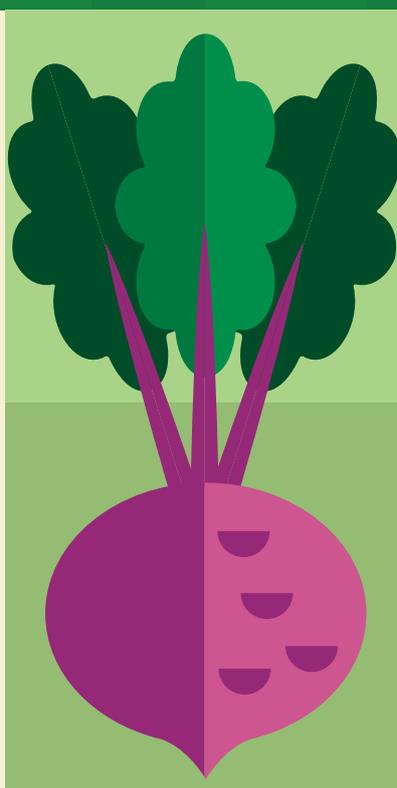
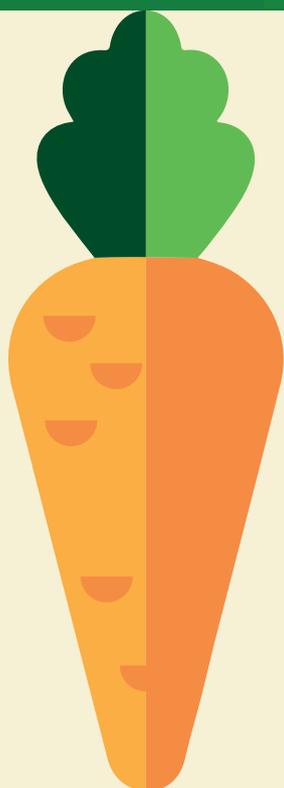


# Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar  
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





## 1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

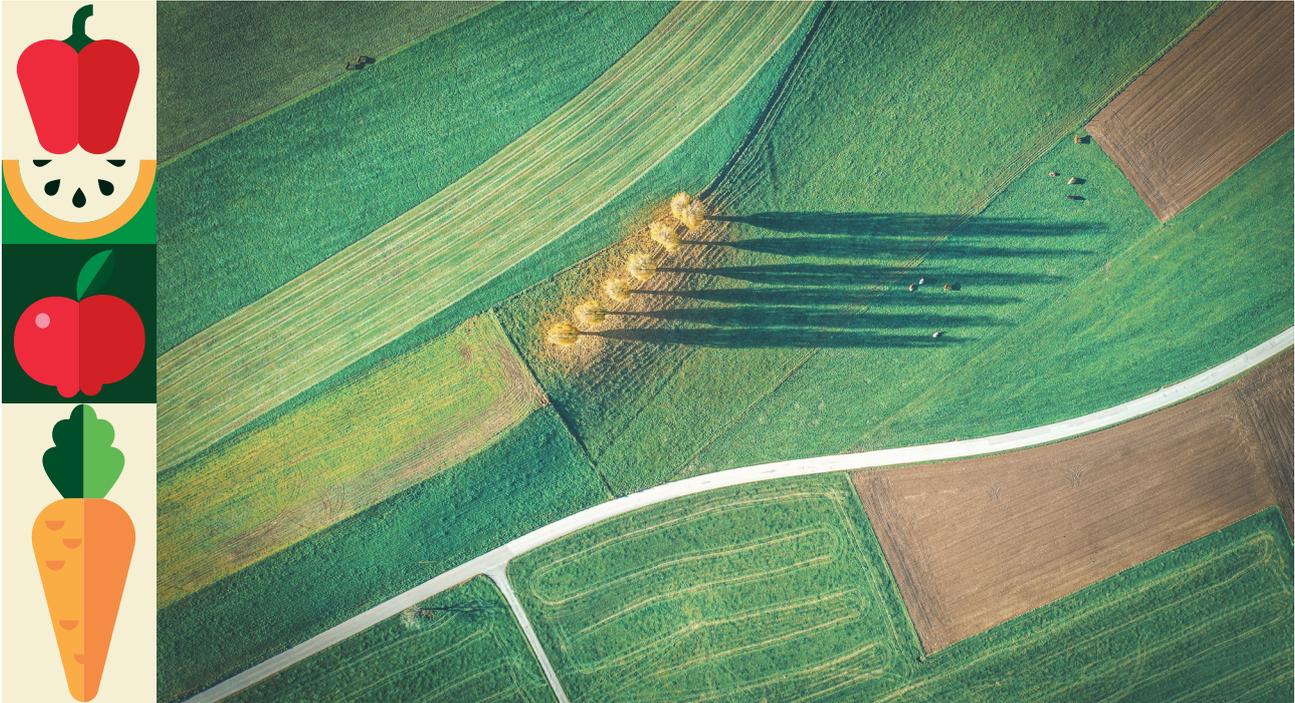
Nas **zonas do litoral**, e de um modo genérico, o mês de maio caracterizou-se por um clima bastante instável, com temperaturas amenas e com alguma precipitação, ocorrendo um aumento significativo da temperatura na última semana do mês. O mês iniciou-se com temperaturas baixas e pluviosidade intensa acompanhada com trovoada e granizo, ao longo deste período as temperaturas foram oscilando consideravelmente finalizando com temperaturas muito elevadas (acima dos 25.ºC nas zonas interiores).

Estas condições afectaram negativamente a frutificação das vinhas, a floração das pomóideas, prunóideas e citrinos e provocaram atraso no aparecimento dos botões florais nos olivais, continuaram a dificultar os trabalhos agrícolas devido ao alagamento dos solos, o que provocou algum atraso nas sementeiras, as quais se deverão prolongar até meados do próximo mês. Mesmo assim foi possível realizar a plantação de batata de regadio e alguma colheita da batata de sequeiro bem como algumas sementeiras das culturas de primavera-verão nomeadamente o milho e arroz no Baixo Mondego. Nalgumas zonas foi efectuado um terceiro corte nas culturas forrageiras.

Nas **zonas de transição**, e de uma maneira geral, o mês iniciou-se com um período de 3

dias de precipitação, na ordem dos 50 mm. Após esse período e até ao término do mês apenas se registou mais um episódio de precipitação a meio do mês. Na maioria dos dias, registaram-se temperaturas amenas ou altas – registo para um pico de calor no fim do mês – e largos períodos de insolação. As noites em geral foram frescas e com alguma humidade. Registaram-se algumas neblinas matinais e alguns dias com ventos fortes que provocaram algum acamamento nas forragens e a quebra de ramos na vinha, que naturalmente ainda não estavam atempados nesta fase do ciclo cultural.

No Pinhal, além do fator abiótico vento, também a nível de doenças foi um mês exigente, pelas condições meteorológicas que se têm reunido. Neste período, os viticultores têm efectuado operações em verde na vinha, tais como o desladrçamento, desponta ou a orientação dos ramos. O olival encontra-se entre os estados fenológicos da pré-floração e alimpa. No que toca a operações culturais, somente se registam tratamentos fitossanitários por parte de alguns olivicultores, sendo que grande parte das pequenas explorações não efectua este tipo de tratamentos regularmente. Os agricultores têm aproveitado as condições meteorológicas para capinar os terrenos, enfardar o feno, preparar ainda terrenos para culturas hortícolas ou efectuar tratamentos fitossanitários. Nas pastagens e forragens, foi um mês de boa produção de matéria verde. A principal actividade foi o corte da erva para feno, algo que vinha sendo adiado devido à dificuldade em



operar nos terrenos pelo excesso de água.

Nas zonas homogêneas do Alto Mondego, Beira Serra, Alto e Baixo Dão Lafões o mês de maio foi frio e chuvoso na primeira quinzena, enxuto e quente na segunda. As condições meteorológicas foram benéficas para algumas culturas como a vinha, mas prejudiciais para as fruteiras e a batata de sequeiro. O excesso de humidade no solo atrasou as plantações/ sementeiras assim como afetou as que estavam na fase de crescimento vegetativo, sobretudo batata de sequeiro e feijão, o que poderá diminuir a produtividade. As culturas forrageiras de sequeiro e prados apresentam um bom desenvolvimento.

No Pinhal Sul, o mês de maio registou temperaturas médias máximas de 21,76°C e temperaturas médias mínimas de 11,03°C. A amplitude térmica máxima de 15°C foi registada no dia 25. A precipitação registada neste mês foi muito superior à registada em maio de 2024, tendo ultrapassado os 169,53 mm. As condições verificadas contribuíram para o aumento da produção e desenvolvimento vegetativo dos cereais de praga, pastagens naturais e consociações forrageiras e para um aumentando da produção forrageira: Todavia foram igualmente propícias ao aparecimento de doenças provocadas por fungos nas fruteiras, bem como problemas no vigo dos frutos.

Nas **zonas do interior**, e de um modo geral, a primeira década do mês foi a que registou as temperaturas mais baixas, altura que coincidiu também com a ocorrência do único período de precipitação. Sobretudo a partir do meio da terceira década, destaque para a subida acentuada da temperatura máxima e mínima para valores elevados para a época. O estado do tempo tem permitido cortar e secar os feno, decorrendo também as mobilizações dos solos com vista às sementeiras de primavera/verão, da plantação da batata, da cultura do milho, entre outras. As fruteiras que tiveram a sua actividade vegetativa condicionada devido às condições climáticas ocorridas anteriormente, viram um incremento do seu desenvolvimento vegetativo.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de maio em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de maio.

## 2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições meteorológicas na primavera (chuva e alguns períodos de temperatura amena) têm sido favoráveis ao desenvolvimento de várias doenças nas culturas, obrigando a tratamentos fitossanitários preventivos e em certos casos já curativos, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Baixo Mondego (**zona do litoral**), presença de míldio na cultura da batata.
- No Pinhal (**zona de transição**), alguns viticultores conseguiram manter as suas vinhas protegidas com tratamentos bem ajustados às condições meteorológicas. No entanto, também se identificaram fortes ataques de míldio, sobretudo infecções primárias com origem nos períodos de precipitação. Verifica-se a presença de black-rot nas folhas, embora pouco significativa até ao momento. No entanto, deve ser tido em conta que esta é uma doença que afecta mais os cachos a partir do vingamento. Ocorreram algumas manhãs de neblina e temperaturas amenas, que poderão potenciar o desenvolvimento do oídio, numa fase em que a cultura passa a estar mais sensível a esta doença. Na batata, têm sido efectuados tratamentos para o míldio, de modo a não pôr em causa o sucesso da cultura. No olival, e em particular na



variedade galega (a mais comum na zona) a presença de olho-de-pavão já está muito presente, provocando desfoliação total em muitos ramos, enfraquecendo deste modo as árvores. Alguns olivicultores alertados para esta questão, estão a efectuar tratamento para a doença. Também se verifica a presença ainda que em pequena escala, de algodão. No caso dos agricultores com menores áreas e que não venham a adoptar uma estratégia de prevenção nas próximas semanas, poderão vir a ter uma produção com quebras e de menor qualidade.

- Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões (**zona de transição**), nas pomóideas registo de pedrado-da-macieira, piolho-cinzento e verde, pulgão-lanígero e fogo-bacteriano; nas vinhas registos de míldio, podridão-negra ou black rot, podridão-cinzenta. Nalguns batatais registos de míldio.

- No Pinhal Sul (**zona de transição**), as condições meteorológicas no início do mês favoreceram o desenvolvimento de doenças causadas por fungos e pragas. Nos pomares de cerejeiras, onde não foram efectuados tratamentos fitossanitários contra a moniliose, nas fases de (flor aberta / queda da pétala e vingamento), com ocorrência de forte precipitação verificou-se uma quebra de produção como a de 2024 próximo dos 5%, de uma produção normal. Nos pomares de cerejeiras tratados nos períodos críticos com produtos (preventivos e curativos), nos estados fenológicos sensíveis á moniliose: (flor aberta / queda

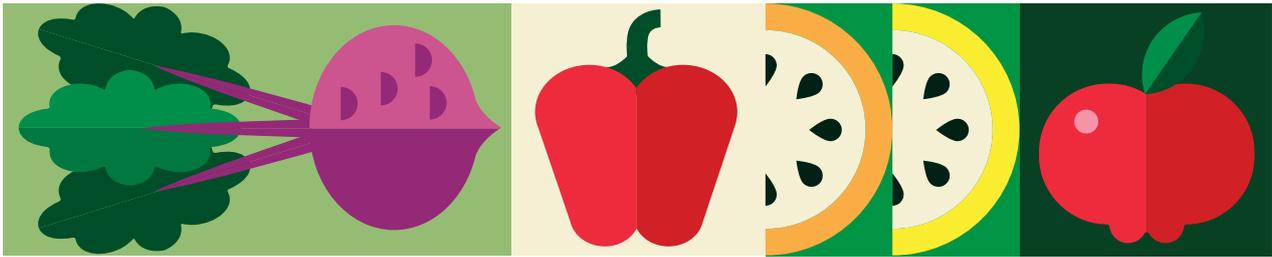


da pétala e vingamento), obtiveram um bom vingamento. No contexto da região a produção de cereja estima-se um aumento em cerca de 15%, em relação a 2024. As cultivares mais tardias estão no estado fenológico jovem fruto (J) e as mais precoces estão no início do estado maturação (M), nestas cultivares, já se estão a fazer os tratamentos contra a mosca-da-cereja. Nos pessegueiros, observam-se alguns focos de lepra, já controlada, e o aparecimento de alguns focos de afídeo verde. As pomóideas (macieiras e pereiras), estão na fase de crescimento dos frutos, observam-se focos de pedrado nas folhas de macieiras, que já estão controladas. Nas pereiras observaram-se grandes focos de pedrado em folhas e um forte ataque nos frutos. Continuam os tratamentos preventivos e curativos contra o pedrado e contra a 1ª geração de bichado-da-fruta. Nas videiras fazem-se os tratamentos preventivos contra o míldio e o oídio, encontrando-se nos estados de floração/alimpa (I-J). Os olivais estão nos estados de plena floração (FII), com a floração da cultivar *galega* muito intensa, não sendo necessário fazer tratamentos contra a traça-da-oliveira. Os castanheiros estão no estado fenológico floração feminina-aparecimento dos amentilhos androgínicos (Dm), não se observando até à data, problemas fitossanitários.

- Na Campina e Campo Albicastrense (**zona de interior**), ocorreram alguns ataques de míldio nas vinhas que foram controlados pela aplicação de tratamentos fitossanitários, o mesmo acontecendo com alguns focos de lepra nos pessegueiros.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climáticas verificadas durante o mês, permitiram que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas. No Pinhal Litoral (**zona de litoral**), houve necessidade de se intensificarem os tratamentos fitossanitários, devido à elevada quantidade de água existente no solo e na atmosfera, que naturalmente potenciaram o aparecimento de várias pragas e doenças. Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões (**zonas de transição**), a ocorrência de períodos de baixas temperaturas e precipitação influenciaram de forma negativa a agricultura na região, atrasando as sementeiras e a aplicação de fitofármacos de acção preventiva, prejudicando a floração e vingamento dos frutos das culturas permanentes e aumentando os riscos de ocorrência de pragas e doenças. A produção de algumas fruteiras – como a maçã, a cereja e o pêsego, entre outras, está comprometida, não sendo possível nesta data, segundo os agricultores, fazer estimativas fiáveis para o futuro. Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa (**zonas de interior**) fazem-se já com alguma intensidade os tratamentos, principalmente sistémicos para prevenir míldio e oídio na vinha.

Não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando o caso, sobretudo no Pinhal (zona de transição), onde continuam os ataques de espécies cinegéticas.



Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de maio para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDRC, foram:

**Batateiras** – míldio.

**Castanheiros** – Vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*).

**Citrinos** – piolho verde e cinzento, lagarta mineira.

**Granizo** – A instabilidade de tempo que se tem sentido, é favorável à ocorrência de fenómenos climatéricos pontuais, como é o caso do granizo. Caso ocorra este fenómeno, deve actuar o mais rapidamente possível, da seguinte forma: na vinha, realizando imediatamente um tratamento anti míldio e anti oídio, juntamente com um adubo foliar que contenha cálcio (não misture fosetil de alumínio com adubos). Em vinhas muito afectadas, não realize poda. Em vinhas menos afectadas, retire o material afectado. Em fruteiras, aplique captana, que promove a cicatrização de feridas, melhora o aspecto dos frutos e não provoca carepa. Junte um adubo foliar com cálcio.

**Olival** – algodão, traça-da-oliveira (*Prays oleae*), olho-de-pavão.

**Pequenos frutos (mirtilo)** – podridão cinzenta – os mirtilos têm grande sensibilidade à podridão nos períodos de pré-floração e floração. Renove tratamento nas variedades sensíveis e antes das próximas chuvas.

*Drosophila suzukii* – Algumas variedades de mirtilo estão próximas da colheita. Este inimigo tem uma elevada capacidade reprodutiva e dispersiva, pelo que a detecção precoce e a manutenção de baixos níveis da população é a chave para o sucesso do seu controlo. Recomendamos a monitorização ao nível da parcela, para detectar a presença do insecto, colocando armadilhas comerciais ou artesanais na bordadura. Existem diferentes estratégias de combate para diminuir

as populações deste inimigo para evitar os danos económicos. Recomendamos uma gestão integrada e complementar de todos os métodos de luta disponíveis.

**Pomóideas (macieiras/pereiras)** – pedrado da macieira, bichado-da-fruta (*Cydia pomonella*), aranha-vermelha (continua a não se justificar o tratamento), cochonilha de São José, afídeos (verde e cinzento), fogo-bacteriano, psila-da-pereira, pulgão-lanígero, oídio.

**Prunóideas (cerejeiras, pessegueiros, outras)** – nos pessegueiros: lepra, afídeo verde, anarsia (*Anarsia lineatella*), oídio; nas cerejeiras: moniliose, afídeo-negro, mosca-da-asa-manchada (*Drosophila suzukii*), mosca-da-cereja (*Rhagoletis cerasi*).

**Vinha** – míldio, oídio, podridão-negra (black-rot), podridão-cinzenta, traça da uva, erinose, cicadelídeos ou cigarrinha-verde, medidas culturais – intervenções em verde.

**Prevenção de Resistência aos Fungicidas** – Anos húmidos, como este, que obrigam a tratamentos frequentes a doenças da vinha e outras fruteiras, é importante minimizar fenómenos de resistência decorrentes do uso continuado do mesmo tipo de substâncias. Para o efeito, é importante privilegiar as seguintes estratégias na sua cultura: não use o mesmo produto exclusivamente; actue, sempre que possível, de forma preventiva; respeite a época de aplicação e o posicionamento do tratamento; cumpra o número máximo de aplicações recomendadas por ciclo cultural, a dose recomendada no rótulo (L ou kg/ha) e intervalo mínimo entre tratamentos; alterne entre

fungicidas de diferente modo de acção e não apenas o nome comercial do produto ou a substância activa; não aplique o produto em locais onde se verifiquem quebras de eficácia após aplicações repetidas com fungicidas com o mesmo modo de acção.

**Informação Fitossanitária** - Alteração do Limites Máximos de Resíduos (LMR) do acetamipride - Ofício Circular N.º 19202/25-S. Os novos LMR' s aplicam-se a partir de 19 de agosto de 2025, pelo que será necessário observar as práticas agrícolas a cancelar ou a alterar de acordo com o presente Ofício Circular de modo que, na data indicada, o LMR não seja excedido.



### **3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a pluviosidade registada associada a temperaturas médias baixas e/ou amenas, promoveu um bom crescimento das pastagens de sequeiro, assim como dos prados e pastagens permanentes espontâneas permitindo o pastoreio directo. Está a terminar a colheita das culturas forrageiras de outono-inverno, com produções, tanto em qualidade como em quantidade, idênticas às do ano anterior. Já se iniciou a sementeira do milho forrageiro, prevendo-se uma área idêntica ao do ano anterior. Nas espécies pecuárias, recorreu-se em grande parte ao pastoreio directo para a sua alimentação, complementada com fenos e palhas (cerca de menos 20% que em igual período do ano anterior), assim como, a mesma redução no recurso a silagens e rações.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, as condições meteorológicas têm sido favoráveis para o bom desenvolvimento vegetativo das culturas forrageiras, possibilitando mesmo o terceiro corte. A alimentação animal, tem sido assegurada predominantemente com base na matéria verde proveniente das culturas forrageiras, complementada por fenos, palhas, silagem de milho e algum arraçamento. Tem-se recorrido também ao pastoreio directo.

No Pinhal Litoral, os prados e as pastagens mostram um bom desenvolvimento vegetativo, apresentando uma altura de colmo muito boa; desempenhando um óptimo contributo na alimentação animal.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, no geral, o mês de maio foi de boa produção de matéria verde, em resultado da conjugação dos períodos de precipitação, humidade no solo, dias longos com insolação e períodos de temperatura amenas. Contudo, as temperaturas altas que se fizeram sentir neste mês vieram acelerar o encanamento, tornando o feno mais duro para a alimentação do gado. Também o espigamento de algumas das culturas forrageiras, não permitiu mais crescimento e afectou a qualidade

dos fenos. O acamamento que ocorreu devido a alguns dias ventosos, além do que foi originado pela passagem de javalis, fez reduzir alguma da quantidade de forragem. De salientar que neste ciclo cultural, a esmagadora maioria dos agricultores não conseguiu fazer corte para feno-silagem devido à permanente chuva e humidade dos solos. Os agricultores que semearam mais tarde e cujas culturas ainda não espigaram, estão na expectativa de poder obter um feno de maior qualidade face ao obtido com as sementeiras mais precoces. As pastagens vão permitindo algum pastoreio extensivo, devido à humidade que os solos vão conservando. Nos terrenos onde já se procedeu ao corte para feno, poderão agora ser direccionados para pastoreio, já que não haverá condições para um segundo corte.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas pratenses e forrageiras apresentam boas produções, estando-se a iniciar o corte de fenos. O pastoreio faz-se sem limitações, e o consumo de feno e de rações industriais, é reduzido ao mínimo.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os prados e pastagens de sequeiro, e as culturas forrageiras de outono-inverno, têm sido mais resilientes e apresentam um bom desenvolvimento vegetativo generalizado, embora em alguns locais tenha havido estagnação do crescimento, e até mesmo morte das plantas, devido ao excesso de humidade no solo. Apesar do desenvolvimento vegetativo, o corte para conservação em seco está atrasado. Grande parte dos produtores referiram que os terrenos continuam com excesso de humidade, podendo ter um impacto significativo na produtividade das culturas forrageiras.

No Pinhal Sul, já se iniciou o corte das pastagens de sequeiro e consociações forrageiras. No campo vêem-se muitos fardos, rolos e matérias forrageiras, também se observa, muita matéria forrageira encordoada a fenar, para ser enfardada, trabalhos que se vão desenvolver por mais algum tempo. As condições climáticas proporcionaram grandes quantidades de matéria verde, este ano. As pastagens naturais, semeadas, consociações forrageiras e prados continuam a proporcionar grande quantidade de alimento para os efectivos pecuários, sem haver necessidade de administração de rações.

Nas **zonas do interior**, de uma forma geral, os prados, as pastagens e as culturas forrageiras apresentam um aspecto vegetativo a variar de: bom (Cova da Beira e Serra da Estrela) a excelente (Campina e Campo Albicastrense) e excepcional (Riba Côa, Cimo Côa), devido às condições climáticas verificadas. A alimentação dos efectivos é feita em grande parte recorrendo ao pastoreio directo, complementada com fenos e palhas, disponibilizando-se o recurso a rações e outros alimentos conservados, nos casos de animais com vocação produtiva de leite ou animais de engorda.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, existe um bom desenvolvimento das culturas forrageiras e pratenses semeadas, assim como, das pastagens permanentes espontâneas, em ambas as zonas. Para tal contribuíram as temperaturas médias mais elevadas face ao mês anterior e a presença de humidade no solo. O recurso a alimentos conservados foi inferior a igual período do ano transacto (cerca de menos 30%).

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção forrageira deste ano é superior à do ano anterior. Os animais em pastoreio dispõem de óptimas condições de alimentação com abundante disponibilidade forrageira.

#### 4-c – Variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior e estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Invernal.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as condições climáticas favoráveis neste mês e ao longo de todo o seu ciclo vegetativo foram essenciais à formação das searas, com um bom desenvolvimento destas culturas, no entanto, devido à chuva que caiu com intensidade no início do mês levou a um atraso nas operações de corte e enfardamento para armazenamento. As áreas semeadas são idênticas às do ano anterior.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, estas culturas apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, e as áreas semeadas são semelhantes às do ano passado.

No Pinhal Litoral, as áreas semeadas são idênticas às do ano anterior, com excepção do tritcale que é inferior; encontram-se no estado de espigamento. Os campos de cereais, apresentam muita vegetação espontânea. Na cultura da aveia, há agricultores que ponderam o corte antes de chegar a grão, devido ao fraco rendimento previsto através do grão, devido à abundância da vegetação espontânea.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a persistência de ataques de espécies cinegéticas reflecte-se na diminuição de áreas semeadas, afectando naturalmente a manutenção das culturas cerealíferas nesta zona. Em geral, apresentam um estado vegetativo normal.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, estas culturas apresentam-se com bom aspecto vegetativo, encontrando em fase de fase de grão leitoso.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as áreas semeadas são idênticas ao ano anterior em todos os cereais (trigo, centeio, cevada e aveia) em ambas as zonas, e ligeiramente inferior no tritcale no caso do Alto Dão-Lafões. As áreas semeadas tendem a diminuir, reflexo da perda de interesse por parte dos agricultores, a idade avançada, a diminuição de cabeça de animais e os ataques pontuais de espécies cinegéticas. Em relação à produtividade, prevê-se que o trigo, o centeio e a cevada seja semelhante, em contrapartida, o tritcale e a aveia terá uma ligeira diminuição.

Na zona homogénea do Pinhal Sul, as áreas de cereais de pragana mantiveram-se as mesmas do ano de 2024. No campo observamos fardos de feno e fenos cortados a secar.

Nas **zonas do interior**, na generalidade, o estado vegetativo destas culturas é bom, com excepção das efectuadas nas terras baixas as quais apresentaram menor desenvolvimento ou até morreram devido ao encharcamento. Antevêem-se produtividades semelhantes ao ano anterior (Riba Côa, Cimo Côa e Campina e Campo Albicastrense; na Cova da Beira e Serra da Estrela para o trigo e cevada) superiores (caso do tritcale e centeio na Cova da Beira e Serra da Estrela) e inferiores (caso aveia na Cova da Beira e Serra da Estrela).

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as áreas destas culturas são semelhantes ao ano anterior.

Quer na Cova da beira quer na Serra da Estrela, prevê-se um aumento das áreas semeadas de centeio e aveia, em cerca de 30% e as restantes culturas prevê-se idênticas ao ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, verifica-se tendência de diminuição das áreas semeadas com cereais de outono/inverno devido à baixa rentabilidade destas culturas.





## 5-e – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares e olivais: estado vegetativo; floração e vingamento do fruto.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

### • Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os soutos apresentam em geral bom desenvolvimento vegetativo, sem qualquer contrariedade apontada pelos produtores. Já se observa a floração masculina.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico Em - glomérulos bem individualizados; e as amendoiras encontram-se no estado fenológico I - frutos em crescimento.

No Pinhal Sul, os castanheiros estão no estado fenológico floração feminina aparecimento dos amentilhos androgínicos (Dm), têm uma floração feminina muito grande, poderá ser um ano de produção normal.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, o estado vegetativo das amendoiras, com os frutos em desenvolvimento é bom apesar de haver variação entre variedades, esperando-se que a produção seja superior ou pelo menos igual ao ano anterior.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as amendoiras, mais presentes na Cova da Beira, apresentaram problemas com o vingamento do fruto, prevendo-se uma quebra na produtividade na ordem dos 30%, em relação ao ano transacto. Os pomares de avelãs existentes na Cova da

Beira, na sua maioria plantações novas em fase de desenvolvimento, continuam a apresentar bom desenvolvimento.

### • Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, os citrinos encontram-se em plena floração (caso do Baixo Vouga e Baixo Mondego) e também com frutos maduros (Baixo Vouga).

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as laranjeiras estão colhidas.

### • Pomares de Kiwis, Maracujá

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de kiwi encontram-se na fase de floração com bom vingamento, normal para a época (fase de botões florais).

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico H - botões florais separados.

### • Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os mirtilos já se encontram em fase de maturação e de colheita.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os mirtilos encontram-se no estado fenológico J - pintor.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os mirtilos apresentam bom desenvolvimento vegetativo; encontrando-

se algumas variedades em início de produção e outras com os frutos em desenvolvimento na Serra da Estrela e maioria das variedades já com os frutos em maturação e colheita na Cova da Beira. Prevê-se um aumento de produção de cerca de 10%, relativamente a 2024.

#### • Pomares de Prunóideas

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares apresentam um desenvolvimento normal para a época, mas com algum atraso na floração.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, distribuídas pela maioria das explorações agrícolas, mas em pequena escala, destaca-se a cereja. As variedades mais precoces de cereja tiveram uma má floração (devido à muita precipitação e eventualmente também às oscilações térmicas) e pouco produziram, havendo uma tendência de melhoria para as variedades que agora terminam a sua maturação.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pessegueiros encontram-se no estado fenológico I - frutos em botões florais separados, as ameixeiras encontram-se no estado fenológico I - frutos em crescimento, as cerejeiras encontram-se no estado fenológico I - pintor.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, algumas espécies estão em pleno vingamento do fruto, estado fenológico - frutos em crescimento ou formação de fruto, como é o caso dos pessegueiros. Em relação à cerejeira, encontra-se no ciclo vegetativo de formação de fruto. As cerejeiras são muito influenciadas pelas condições climáticas, especialmente a temperatura e a precipitação, que afectam na fase da floração. Na região, no geral, as cerejeiras, que na fase da floração estavam cheias de flor, ficou o vingamento condicionado devido às condições meteorológicas, causando muita queda das flores. De momento, mantêm-se as produtividades idênticas em relação ao ano anterior.

No Pinhal Sul, as cerejeiras mais precoces estão no início da maturação. Os cerejais onde foram efectuados os tratamentos nos momentos críticos (floração/alimpa), contra a moniliose estão carregados de cereja estimando-se acréscimo de cerca de 15%, em relação a 2024. Em sentido contrário, os pessegueiros apresentam uma produção muito fraca, em cerca de menos 50%,

em relação a 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, nas prunóideas acompanhadas (cereja e pêsego), nota-se variação da produtividade entre variedades; enquanto que umas apresentam produtividades normais, noutras o número de frutos é baixo. Na cereja inicialmente perspectivou-se aumento de produção relativamente ao ano anterior, contudo, no presente mês os dados recolhidos vão no sentido da manutenção da produtividade, que, contudo, apresenta quebras relativamente ao que seria um ano normal. No pêsego estima-se produtividade inferior ao ano anterior. Para além dos problemas na floração e vingamento também houve muitos frutos que caíram das árvores após o vingamento.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pessegueiros, nectarinas e ameixas, encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto, mais avançada nas variedades mais precoces e a sul da Gardunha na Cova da Beira. Como já referido no relatório anterior, prevê-se uma quebra na produção na ordem dos 25%, relativamente 2024, devido às chuvas que trouxeram problemas na polinização e no vingamento do fruto. O mesmo aconteceu com as ameixas, com previsão de quebra de produtividade de 30% em referência ao ano anterior. As cerejeiras encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto e as mais temporãs, na fase de maturação/colheita, mais atempada nos pomares protegidos com cobertura. Muito embora tenha havido problemas na fase de floração e vingamento dos frutos, prevê-se uma produtividade cerca de 10 % e 20% superior à do ano transacto (2024), nas ZH da Serra da Estrela e ZH da Cova da Beira, respectivamente.

#### • Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, os pomares apresentam um bom desenvolvimento e de crescimento dos frutos.

No Baixo Vouga, os pomares apresentam um desenvolvimento normal para a época, mas com algum atraso na floração.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, distribuídas pela maioria das explorações agrícolas, mas em pequena escala, destaca-se a pêra que apresenta pouca carga embora com bons calibres. Já foram

necessárias regas no fim do mês.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, quer as macieiras quer as pereiras, encontram-se no estado fenológico J -fruto em desenvolvimento; sendo o mesmo estado fenológico em que se encontram os marmeleiros.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, verificou-se um atraso no ciclo vegetativo das pomóideas, comparativamente ao ano anterior, especialmente nas macieiras, que só entraram em plena floração no final de abril e estão agora na formação de fruto, dependendo dos locais e variedades. Inicialmente, à semelhança de outras frutícolas, as árvores de fruto estavam com muita flor, o que previa um ano com boa produtividade/ produção, no entanto, muitas flores caíram e foram estragadas pelo impacto das chuvas e frio, não sendo ainda possível avaliar a produtividade.

No Pinhal Sul, as pomóideas estão na fase de

crescimento dos frutos, observando-se uma fraca produção em relação a 2024, devido ao fraco vingamento provocado pela grande quantidade de pluviosidade que ocorreu na altura da floração. A quebra nas pereiras é superior à das macieiras, com muitos frutos afetados pelo pedrado.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os pomares de macieiras e pereiras apresentam os frutos em desenvolvimento, sendo notória nesta fase, uma diminuição da quantidade de fruta, o que por outro lado, vai evitar na generalidade, a realização de operação de monda de frutos. A qualidade da fruta poderá ser inferior, uma vez que existe algum pedrado em certos pomares.

Na Campina e Campo Albicastrense, nas pomóideas (maçã, pêra) observam-se poucos frutos nas árvores, estimando-se uma diminuição da produção relativamente ao ano anterior.

#### • **Olival**

Nas **zonas do litoral**, os olivais encontram-se nos estados fenológicos: fase de início de vingamento (Baixo Vouga), F - plena floração (Baixo Mondego).

No Pinhal Litoral, o olival apresenta bom desenvolvimento vegetativo e com os frutos em tamanho de grão de pimenta.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o olival encontra-se em distintos estados fenológicos, desde início da floração nas zonas mais frias, plena floração, passando pelo vingamento e alimpa nas zonas mais amenas. A precipitação abundante durante a primavera não parece ter prejudicado a floração e respectivo vingamento (ao contrário do que sucedeu com algumas fruteiras), e as perspectivas eram positivas até se dar um pico de calor no fim do mês, numa fase tão sensível da cultura, e que se poderá traduzir na queda de fruto. O risco de queda natural de fruto, as condicionantes meteorológicas e a susceptibilidade às doenças (sobretudo o olho-de-pavão e a gafa) e pragas (mosca-da-azeitona) nos próximos meses, são factores que ainda condicionam uma avaliação do potencial produtivo e do desenvolvimento do fruto até ao término do ciclo cultural.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico F1 - Início da floração.



Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os olivais encontram-se no estado vegetativo - floração. As árvores apresentam muitas inflorescências. Segundo os agricultores, este é um ano de safra, prevendo-se um aumento de produtividade em relação ao ano anterior, salvo se ocorrerem condições meteorológicas adversas.

No Pinhal Sul, os olivais estão na fase de floração / alimpa, observa-se uma floração muito intensa, por toda a região, especialmente na cultivar galega.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a floração do olival foi abundante. Actualmente encontra-se entre a alimpa e o vingamento do fruto.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, os olivais apresentam em termos gerais, boa floração. Na Serra da Estrela ainda no início (estado E - F) e na Cova da Beira, mais adiantada, entre os estados G e H (alimpa e fruto vingado), principalmente na zona Sul da Cova da Beira.

#### • Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a floração está a iniciar com um bom vingamento, no entanto, devido às condições climáticas existentes, na mesma vinha existem plantas muito afectadas pelo oídio e podridão-negra, o que pode vir a afectar o seu desenvolvimento e produção.

No Baixo Mondego, as videiras estão no estado fenológico H - botões florais separados.

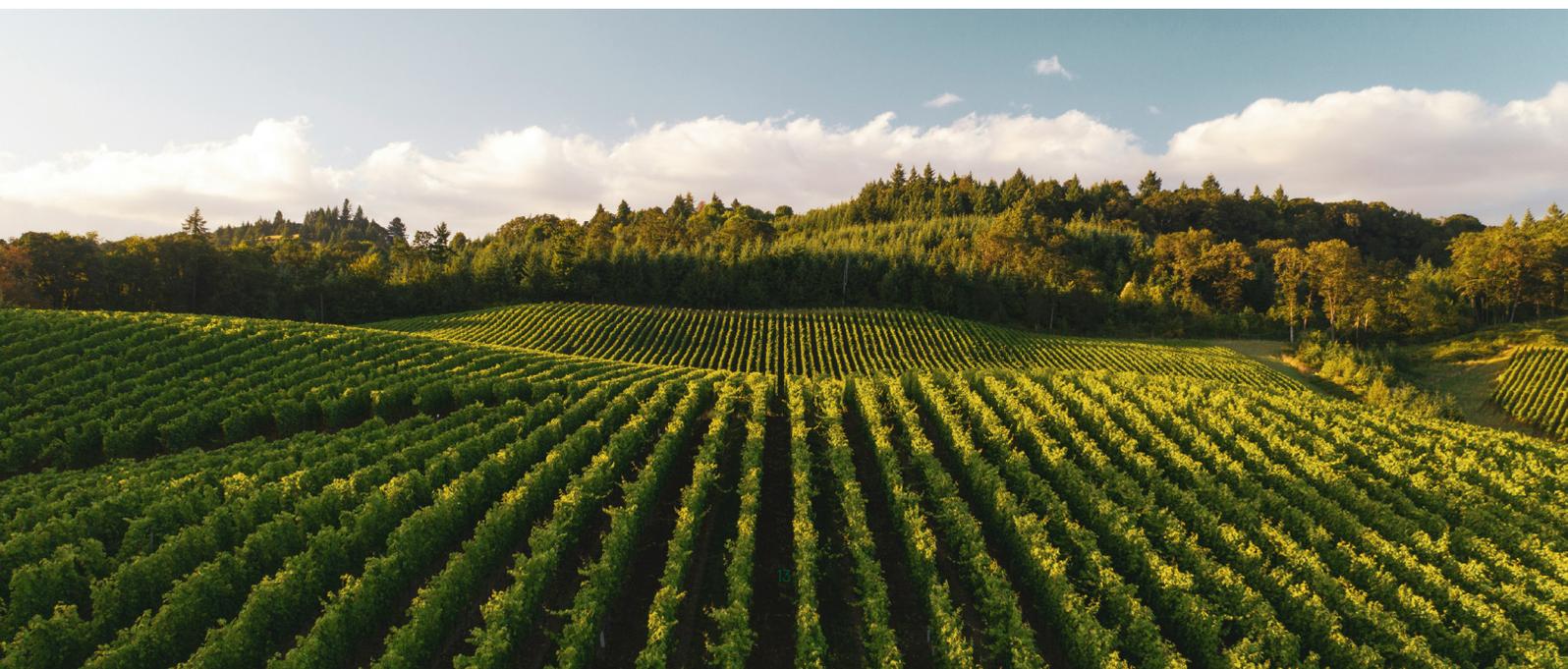
No Pinhal Litoral, a vinha está com bom desenvolvimento. Relativamente ao estado

vegetativo encontra-se entre o estado da alimpa à fase de bago de chumbo.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a vinha encontra-se nos estados fenológicos da floração, alimpa e nas variedades mais temporãs já se verifica o grão de chumbo. Até à data, há boas perspectivas de produção, pelo vigor que a cultura vem apresentando e quantidade de cachos. Contudo, a pressão a que a cultura tem estado sujeita ao nível fitossanitário (sobretudo doenças), poderá vir a condicionar o sucesso deste ciclo cultural. De momento há viticultores que têm conseguido manter uma boa sanidade na vinha, mas também já foram reportadas grandes perdas ao nível de cachos, devido sobretudo ao míldio que atacou após os períodos de precipitação.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico H - botões florais separados.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições climáticas do final do inverno e início da primavera consistiram em temperaturas baixas e muita precipitação, pelo que as podas das vinhas se prolongaram até tarde. As mesmas condições determinaram atraso e heterogeneidade significativa no desenvolvimento do ciclo vegetativo da vinha, no entanto, o estado vegetativo na região é predominantemente a pré-floração. A chuva foi favorável, porque o solo tem água suficiente para as necessidades das plantas, que podem continuar a crescer e desenvolver-se normalmente.



No Pinhal Sul, as videiras estão no estado fenológico de floração/alimpa, sem grandes problemas fitossanitários em geral, estimando-se uma produção dum ano normal.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, nas vinhas, até à presente data e dependendo das condições climáticas futuras, perspectiva-se boa produção, superior ao ano anterior. As vinhas encontram-se entre os estados fenológicos botões florais separados e floração.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as vinhas tiveram um bom desenvolvimento vegetativo, com uma boa formação de sarmentos. Mais a Norte, encontram-se maioritariamente na fase de início do inchamento dos gomos florais; mais a Sul, no coração da Cova da Beira, encontram-se na fase de gomos inchados/início da floração. Está a começar a aparecer muito míldio, principalmente em vinhas onde não são feitos tratamentos ou onde são efectuados de modo deficiente.

#### • Outros pomares

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, na cultura do medronho mantém-se a perspectiva de maior produção relativamente ao ano anterior. A cultura desenvolveu bem este mês, não estando agora tão atrasada no seu ciclo, (o medronho já está vingado há muitos meses e a planta adapta-se bem a períodos longos de chuva e a temperaturas baixas, como foram as de parte da primavera). O calibre do fruto continua heterogéneo, o que não é atípico nesta cultura e que se traduz em colheitas faseadas. Sem problemas fitossanitários a registar nesta fase.

### 6-b – Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de batata de regadio, milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol: como decorreram; como germinaram; variação das áreas semeadas ou plantadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.

#### • Arroz

Nas **zonas do litoral**, na zona homogénea do Baixo Vouga, apenas no vale do Cértima e Perrães, a sementeira do arroz ainda não está terminada, não se prevendo alterações nas áreas, no entanto, surgiram alguns ataques de milhã em situações pontuais obrigando uma segunda sementeira. Nas zonas mais húmidas, o excesso de água no solo levou a atrasos nas operações de preparação e sementeira.

No Baixo Mondego, as sementeiras de arroz estão a decorrer com um atraso em cerca de um mês, devido às condições meteorológicas em que ocorreu muita precipitação, que consequentemente, manteve os solos bastante encharcados. Os campos já semeados no mês passado apresentam boa emergência e desenvolvimento vegetativo. As áreas semeadas são idênticas ao ano transacto.

No Pinhal Litoral, as sementeiras de arroz ainda estão a decorrer. A precipitação intensa e prolongada durante os últimos meses provocou igualmente atraso na generalidade das sementeiras de primavera, em cerca de um mês, especialmente nos solos com um nível freático alto. Prevê-se que a área semeada seja idêntica à do ano passado.



## • Batata

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as primeiras sementeiras de batata já ocorreram as quais foram muito afectadas pelos fenómenos pontuais e localizados de queda de granizo afectando a colheita em 40% e levando a uma nova replantação da cultura em alguns casos. Nas variedades de batata de regadio (conservação), usada em maior escala, prevê-se uma produção normal e idêntica ao último ano, não havendo variação da área semeada relativamente ao último ano.

No Baixo Mondego, as plantações de batata de regadio estão a decorrer, apesar de estarem atrasadas para a época do ano, devido às condições meteorológicas em que ocorreu muita precipitação, que consequentemente, manteve os solos bastante encharcados. Nas plantações em terrenos de cotas mais altas e menos encharcados, onde foi possível efectuar a plantação mais cedo, a cultura apresenta um regular desenvolvimento vegetativo, apesar de alguma presença de míldio. Prevê-se uma quebra na produção. As áreas semeadas são idênticas ao ano anterior.

No Pinhal Litoral, no caso da batata de regadio, a sementeira foi efectuada com cerca de um mês de atraso, da época normal encontrando-se na fase de crescimento e enchimento dos tubérculos.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as sementeiras de primavera foram concluídas já na segunda quinzena, e a maioria encontra-se já germinada e com aspecto vigoroso. As áreas da batata mantiveram-se.

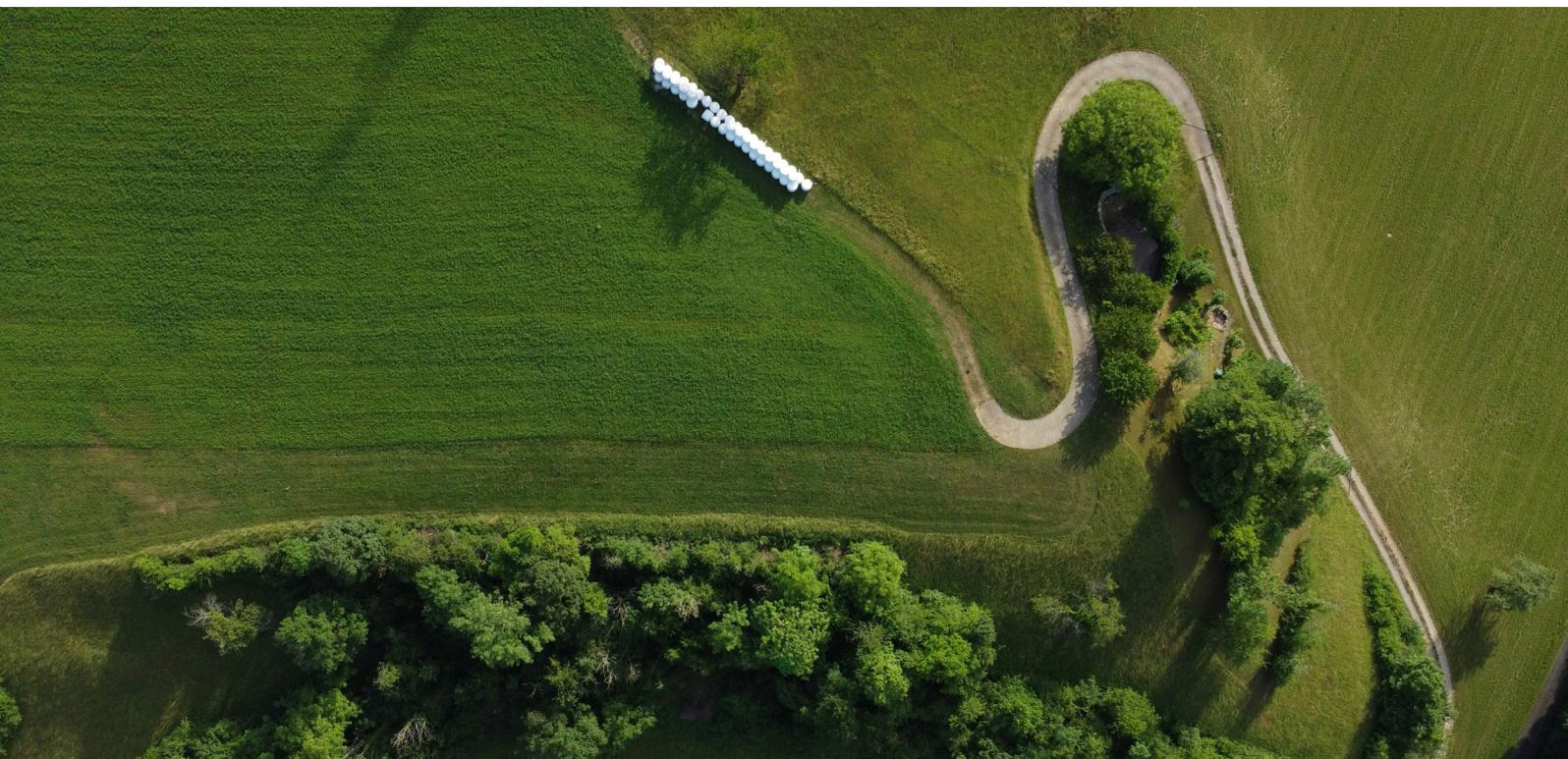
No Alto Dão-Lafões e Baixo Dão-Lafões, a plantação de batata de regadio ainda não está concluída, devido aos condicionalismos na mobilização dos solos. A área de produção da batata plantada vai ser superior, cerca de 10%, em relação à do ano passado.

No Pinhal Sul, a batata de regadio foi plantada também mais tardiamente devido as chuvas que ocorreram durante o mês de abril e início de maio, as plantações mais adiantadas já estão a iniciar a fase de floração, estimando-se área de batata regadio plantada idêntica á de 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a batata de regadio está em desenvolvimento, apresentando-se com bom vigor, a iniciar a floração.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as plantações industriais de batata de regadio estão efectuadas, algumas das quais já emergiram, sendo que as plantações para autoconsumo também já se encontram todas praticamente concluídas.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas encontram-se efetuadas, pese embora o atraso imposto pelo estado de tempo.



### • Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, as sementeiras de feijão, estão a decorrer; com atraso para a época do ano em parte devido às condições meteorológicas verificadas. Sem variação de área em relação ao ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o chícharo já foi semeado (nalguns casos por duas vezes, devido ao excesso de água em determinados terrenos que inviabilizou as primeiras sementeiras) e segue um desenvolvimento normal. Pode vir a sofrer com o calor no próximo mês, pois em condições normais teria sido semeado várias semanas antes e entraria no período de temperaturas mais altas já com um raizame bem desenvolvido. Neste caso isso não se sucederá, sendo de referir que esta é uma cultura de sequeiro.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as sementeiras de primavera foram concluídas já na segunda quinzena, e a maioria encontra-se já germinada, e com aspecto vigoroso. O feijão e o grão mantiveram as áreas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, no caso do feijão, as áreas semeadas são idênticas às do ano anterior, sendo esta sementeira realizada, essencialmente por pessoas de idade avançada e é predominantemente para autoconsumo. Um factor de registo é o ataque constante dos javalis.

No Pinhal Sul, as sementeiras de feijão e grão, já foram iniciadas, na última quinzena de maio, encontrando-se muitas já germinadas. As áreas de ambas as culturas mantiveram-se iguais a 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, já existe alguma área com grão de bico em desenvolvimento, mas, ainda há área que não está semeada, procedendo-se à preparação dos solos com vista à continuação das sementeiras de primavera/verão.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, ainda não pode ser feita uma avaliação final uma vez que as sementeiras ainda estão a decorrer, devido ao tempo ter vindo chuvoso, sem permitir a preparação atempada das terras. No entanto, prevê-se a manutenção das áreas.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas

culturas encontram-se efetuadas, pese embora o atraso imposto pelo estado de tempo.

### • Milho

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a sementeira do milho já se iniciou no último mês. Todavia, nos solos mais baixos e com menor poder de drenagem, as sementeiras sofreram atraso devido à chuva caída e baixas temperaturas, levando ao uso de variedades de ciclo curto. No âmbito do minifúndio prevê-se uma diminuição de área, devido principalmente aos custos de produção os quais ultrapassam o preço de venda no mercado, no entanto, este factor não afecta a previsão da produção total para a região. A planta está na fase de emergência com um bom desenvolvimento vegetativo ou numa fase mais avançada em parcelas e zonas mais altas e bem drenadas.

No Baixo Mondego, as sementeiras de milho estão a decorrer; apesar de estarem atrasadas para a época do ano, devido às condições meteorológicas em que ocorreu muita precipitação, que consequentemente, manteve os solos bastante encharcados. As culturas de milho já semeadas no mês passado, apresentam boa emergência e desenvolvimento vegetativo. As sementeiras continuam a decorrer, e deverão prolongar-se até meados de junho, o que se traduz, num atraso de cerca de um mês em relação ao ano passado. As áreas semeadas são idênticas ao ano transacto.

No Pinhal Litoral, a precipitação intensa e prolongada, durante os últimos meses, provocou igualmente o atraso das sementeiras de primavera, em cerca de um mês, especialmente nos solos com um nível freático alto. As sementeiras de milho ainda estão a decorrer e, prevê-se que a área semeada seja idêntica à do ano passado.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, na cultura do milho-grão em sequeiro, que tem actualmente pouca expressão na zona, nas zonas mais frias, os agricultores apenas semearam nas últimas semanas de maio, estando a cultura na fase de emergência. Nas zonas mais amenas o atraso (forçado) da sementeira e a necessidade de precipitação (que não ocorreu na segunda quinzena), foram factores limitantes ao normal desenvolvimento da cultura, em quem conseguiu semear ainda em abril.

Nas zonas homogéneas do Alto Mondego e da

Beira Serra, as sementeiras de primavera foram concluídas já na segunda quinzena, e a maioria encontra-se já germinada, e com aspecto vigoroso e, as áreas do milho diminuíram.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as sementeiras estão atrasadas, os trabalhos de preparação para as sementeiras estão a decorrer, mas ainda se observam poucas realizadas, por causa dos terrenos estarem saturados de água. Nos locais onde já foi semeado a cultura apresenta um bom desenvolvimento. A estimativa da área de ocupação de solo é semelhante, relativamente à verificada o ano transacto.

No Pinhal Sul, as sementeiras de milho grão (em regadio) e milho forragem (em sequeiro) já foram iniciadas as sementeiras, na última quinzena de maio, encontrando-se muitas já germinadas. As áreas de milhos mantêm-se igual a 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, já existe alguma área com milho

em desenvolvimento, mas a maior parte da área ainda não está semeada, procedendo-se à preparação dos solos com vista à continuação das sementeiras de primavera/verão.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, os milhos, quer os forrageiros, quer para grão, estão a ser semeados, prevendo-se que as áreas se mantenham.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas encontram-se efetuadas, pese embora o atraso imposto pelo estado de tempo.

#### • **Tomate para indústria**

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, a precipitação intensa e prolongada, durante os últimos meses, provocou o atraso em geral das sementeiras de primavera, em cerca de um mês, especialmente nos solos com um nível freático alto. As sementeiras do tomate (para indústria) ainda estão a decorrer; e prevê-se uma diminuição da área semeada em cerca de 40%.



### 9-b – Estado vegetativo das culturas de batata de sequeiro.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, o estado vegetativo da batata de sequeiro encontra-se na fase da floração apresentando um bom desenvolvimento, com boa distribuição e crescimento uniforme, não se tendo registado variações nas áreas semeadas.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, a batata de sequeiro está na fase final do seu desenvolvimento. Estão a decorrer as colheitas. A batata apresenta baixo calibre e prevê-se uma quebra na produção em relação ao ano passado.

No Pinhal Litoral, a batata de sequeiro, encontra-se no início da colheita, prevê-se que a produção seja fraca e que a batata seja miúda.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, ultrapassadas as dificuldades em efectuar a plantação (nalguns

casos as condições meteorológicas obrigaram à replantação) verifica-se na cultura da batata uma parte aérea bem desenvolvida, mas dependente da ocorrência de precipitação nas próximas semanas e sujeita a forte pressão fitossanitária – os focos de mildio são comuns à maioria dos agricultores, além da presença da traça da batata. De referir que mesmo tendo sido difícil preparar os terrenos, não se estima diminuição das áreas, visto ser uma cultura tradicional na zona e com boas produções. Ainda assim, a presença do javali neste território condiciona significativamente a pretensão dos agricultores em aumentar as áreas da cultura.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a batata de sequeiro está na fase de maturação e a iniciar a colheita.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições atmosféricas atrasaram todo as sementeiras. A plantação da batata de sequeiro realizou-se no início do ano e este mês começaram a ser plantadas as batatas de regadio, embora a terra esteja com muita humidade. A área plantada de batata de sequeiro foi semelhante à da última campanha. Embora a quantidade de batata de semente vendida, tenha sido superior à do ano anterior, alguns comerciantes afirmam que muitos agricultores não puderam semear, devido ao estado dos terrenos, acabando por apodrecer a semente sem semear, assim como em alguns locais, foi verificado podridão na batata devido ao encharcamento dos terrenos. As previsões em relação à produtividade e produção são idênticas ao ano anterior.

No Pinhal Sul, a batata de sequeiro já foi colhida. Obteve-se uma produção idêntica ao ano anterior, apesar da área plantada ter sido muito inferior à de 2024.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, esta cultura apresenta um bom estado vegetativo.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, a batata de sequeiro, embora pouco significativa, apresenta bom desenvolvimento vegetativo.

Na Campina e Campo Albicastrense, as primeiras batatas de sequeiro já começaram a ser colhidas, a produtividade é semelhante ao ano anterior, mas a produção é inferior devido à redução da área plantada, por impedimento da elevada precipitação que limitou as sementeiras.



ANEXO I

Zonas Homogêneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)			
			01 a 31/05	01 a 31/05	Máx.	Min.	Média	
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	61,1	10	23,6	9,9	16,6	
		Anadia	Arcos	82,4	9	23,9	10,7	16,6
			Pedralvites	-	-	-	-	-
	Baixo Mondego	Cantanhede	Poço Lobo	68,0	15	22,7	10,1	15,9
		Soure	Moinho de Almoxarife	50,4	9	22,0	11,2	16,0 *
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	88,0	9	24,2	11,5	16,9 *
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	67,6	9	22,7	12,1	16,5 *
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	83,2	9	22,9	11,1	16,7 *
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	53,4	9	24,4	10,2	16,6
		Leiria	Azóia	36,6	11	21,7	11,8	16,1
Porto de Mós		Casal do Alho	-	-	-	-	-	
Pombal		Abiul	62,2	3	24,4	11,3	16,8	
Leiria		Regueira de Pontes	38,8	10	22,5	10,5	16,2	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	73,0	13	28,5	9,2	18,0
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	54,2	11	23,7	10,1	16,2
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	34,3	18	23,5	10,7	16,5
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	114,0	9	23,7	9,0	16,0
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	99,8	9	25,8	11,0	17,5
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	49,8	12	23,6	9,1	16,0
	Pinhal Sul	Sertã	Cernache	79,2	9	23,5	9,0	16,0
		Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	-	-	-	-	-
		Oleiros	Oleiros	60,4	7	21,8	9,4	15,4
Mêda		Longroiva	27,0	9	25,7	9,2	17,2	
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Pinhel	Pinhel	39,6	12	22,9	6,8	15,0
		Trancoso	Trancoso	82,0	12	21,8	8,0	14,6
		Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	64,6	13	22,9	7,3
	Cimo Côa	Guarda	Relvas	54,6	11	24,1	9,0	16,3
		Sabugal	Martim Rei	67,4	8	20,5	6,5	13,4
		Almeida	Almeida	45,6	8	21,1	8,5	14,8
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	50,4	9	24,4	7,2	16,0
		Covilhã	Lamaçais	68,6	7	24,4	7,5	16,2
		Fundão	Brejo	-	-	-	-	-
			Alcongosta	64,6	6	21,7	10,4	15,8
			Fadagosa	-	-	-	-	-
	Campina e Campo Albicastrense	Idanha-a-Nova	Várzea	-	-	-	-	
	Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	33,0	7	23,9	7,7	15,8	

Fontes: ENMMA.P. - D.G.A.I. - D.I.F.A.P. I.

\* - I.B.O.F.H.E.M

\*\* de 01/05 a 23/05

ANEXO II

30/05/2025															
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias			
						Cota actual	Actual (hm3)	Ultima leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armaz. - hm3	%	Descarregado r de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,00	0,102	0,102	0,000 ↔	100,0%	0,098	100,0%	sim	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,53	0,134	0,134	0,000 ↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,78	2,186	2,200	-0,014 ↓	99,4%	2,136	99,4%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,63	0,946	0,026	0,920	143,64	0,946	0,946	0,000 ↔	100,0%	0,920	100,0%	sim	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	481,95	0,119	0,120	-0,001 ↓	99,2%	0,115	99,2%	não	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	577,05	4,867	4,867	0,000 ↔	100,0%	4,684	100,0%	sim	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,03	0,854	0,854	0,000 ↔	100,0%	0,650	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,58	1,742	1,746	-0,004 ↓	99,8%	1,742	99,8%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujaís	131,00	3,891	0,591	3,300	130,88	3,841	3,883	-0,042 ↓	98,7%	3,250	98,7%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,21	0,589	0,589	0,000 ↔	100,0%	0,556	100,0%	sim	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354	15,380	15,441			99,7%	14,285	99,6%			

OBSERVAÇÕES/OUTROS:

n. a. (Não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

Fonte: CCDRC/DGRH

CC  
DR **CENTRO** . I.P.

[WWW.CCDRC.PT](http://WWW.CCDRC.PT)

